

## O nome da cor: a percepção do preconceito racial verbal pela pessoa negra e não negra

*The name of the color: the perception of verbal racial preconception by the black people and not black*

Lauriene Ferreira de Brito<sup>1</sup>, Tatiane Ramalho Lima<sup>2</sup>, Jairo Azevedo Junior<sup>3</sup>, Jaqueline Sayuri Suzuki<sup>4</sup>

### RESUMO

**Introdução:** O preconceito se define como uma postura hostil ou negativa com relação a um grupo. Uma das formas de expressão do preconceito é a fala, a verbalização da atitude discriminatória.

**Objetivo:** O presente estudo objetivou identificar quais os termos e expressões verbais utilizadas para se referir a população negra são consideradas manifestações de preconceito racial, bem como, verificar a existência de diferença entre a percepção do preconceito pela pessoa negra e não negra.

**Material e Métodos:** Trata-se de uma pesquisa executada através da aplicação de questionário aos acadêmicos matriculados no primeiro período dos cursos da área da saúde do Centro Universitário UnirG (Gurupi-TO), que totalizaram 136 sujeitos participantes.

**Resultados:** Os termos Preto (a), Pretinho(a), Queimado(a), Macaco(a), Tizil, Saci e Escurinho(a), foram apontados pela maioria do participantes como expressão do preconceito racial verbal, bem como, as expressões "Preto da alma branca", "Serviço de Preto", "Inveja Branca", "Cabelo Ruim" e "Denegrir a Imagem". Dos quatorze termos e onze expressões apresentados no questionário, apenas em três e dois itens, respectivamente, foram apontadas diferenças na percepção do preconceito racial verbal em relação ao grupo de negros e não negros.

**Conclusão:** Conclui-se que preconceito, racismo e discriminação racial são assuntos ainda não esgotados no que se refere a compreensão de seus mecanismos de percepção, manifestação e manutenção. Sendo, dessa forma, necessário que as ciências, principalmente a psicologia, se mantenham atuantes e produtivas cientificamente, produzindo e disseminando conhecimento, a fim de contribuir para a minimização dessa problemática no cenário brasileiro e mundial.

**Descritores:** Discriminação social. Psicologia social. Racismo.

### ABSTRACT

**Introduction:** Prejudice is defined as a hostile or negative posture with respect to a group. One of the forms of expression of prejudice is speech, the verbalization of the discriminatory attitude.

**Objective:** The present study aimed to identify which terms and verbal expressions used to refer to the black population are considered manifestations of racial prejudice, as well as to verify the existence of a difference between the perception of prejudice by the black and non-black person.

**Material and Methods:** This research was carried out through the application of a questionnaire to the academics enrolled in the first period of health courses of Centro Universitário UnirG (Gurupi-TO), totalizing 136 subjects.

**Results:** The terms "black", "little black", "burnt", "monkey", "tizil", "saci" and "little dark" were pointed out by most of the participants as an expression of verbal racial prejudice, as well as the terms "black of white soul", "black service", "white envy", "bad hair" and "blacken the image". From the fourteen terms and eleven expressions presented in the questionnaire, only in three and two items, respectively, differences were noted in the perception of verbal racial prejudice in relation to the group of blacks and non-blacks.

**Conclusion:** It is concluded that prejudice, racism and racial discrimination are not yet exhausted as regards the understanding of their mechanisms of perception, manifestation and maintenance. Therefore, it is necessary that the sciences, especially psychology, remain active and productive scientifically, producing and disseminating knowledge, in order to contribute to the minimization of this problem in the Brazilian and world scenario.

**Descriptors:** Racism. Social discrimination. Social Psychology.

<sup>1</sup> Acadêmica do Curso de Psicologia, Centro Universitário UnirG, Gurupi-TO. E-mail: lauriene\_gpi@hotmail.com

<sup>2</sup> Acadêmica do Curso de Psicologia, Centro Universitário UnirG, Gurupi-TO. E-mail: tati\_rlim@hotmail.com.br

<sup>3</sup> Professor do Curso de Psicologia, Centro Universitário UnirG, Gurupi-TO. E-mail: jairo@zootecnista.com.br

<sup>4</sup> Orientadora e Professora do Curso de Psicologia, Centro Universitário UnirG, Gurupi-TO. E-mail: jaque\_gpi@hotmail.com

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA:  
Jaqueline Sayuri Suzuki. Rua Edson Vieira dos Santos. Número 717. Bairro Alto da Boa Vista, Gurupi-TO. CEP 77423445.

### INTRODUÇÃO

O Brasil é marcado pelo histórico de desvalorização da população negra, reflexo da

política escravista que perdurou por mais de trezentos e cinquenta anos no país. Mesmo após o fim da escravidão, perpetuou-se uma consciência de diferenças hierárquicas entre as raças, taxando

os negros como uma raça inferior. Esta maneira de pensar contribuiu para que os brancos brasileiros se sentissem superiores aos negros e atuassem de forma preconceituosa contra eles.<sup>1</sup>

Preconceito pode ser definido como um julgamento formado antes de exame e consideração direta dos fatos, ou seja, um julgamento prematuro ou precipitado. É uma antipatia baseada em generalização errada e inflexível, podendo ser sentido ou expresso. Resumidamente, o preconceito se define como uma postura hostil ou negativa com relação a um grupo. Desta forma pode-se entender preconceito racial como o prejulgamento baseado no estereótipo das características de um grupo racial.<sup>2-3</sup>

Na atualidade vive-se uma situação controversa a respeito dos números do preconceito no Brasil. Pesquisas mostram que a maior parte da população assegura viver em uma sociedade preconceituosa, mas que não se assumem indivíduos preconceituosos. Essas posturas de negação do preconceito são reflexos das leis de combate à discriminação e por ações de promoção da igualdade étnico-racial, o que contribui para uma modificação da expressão do preconceito racial.<sup>1,3-4</sup>

Essa pressão exercida pelas legislações e políticas de valorização das identidades étnico-raciais justifica a alteração nas formas de manifestações de preconceito apontadas por Lins, Lima-Nunes e Camino<sup>1</sup>, quando afirmam que o *preconceito flagrante*, aquele expresso de forma aberta e ativa vem sendo substituído por formas menos explícitas, distante e indireta de subjugar membros de grupos minoritários, ou seja, que refletem postura de discriminação sem ultrapassar a norma social de indesejabilidade do preconceito racial, que pode ser denominado *preconceito sutil*.

Uma das formas de expressão do preconceito é a fala, a verbalização da atitude discriminatória. Tal preconceito pode ser manifestado por meio da linguagem, com a utilização de termos pejorativos, que desprestigiam a imagem do negro. Entretanto o preconceito verbal também se manifesta de forma sutil, através dos termos e expressões, que por sua utilização indiscriminada na linguagem cotidiana, não são vistos como agressões verbais, apesar de seu conteúdo preconceituoso.<sup>5</sup>

É imprescindível se atentar, entretanto, que muitas vezes esse preconceito racial que se apresenta de forma disfarçada/sutil, pode produzir humilhação social e sofrimento psíquico dos negros, sendo importante evidenciar as contribuições da psicologia para o enfrentamento dessa problemática.<sup>3,6</sup>

Desta forma, considera-se relevante a compressão das formas de expressão do preconceito, que se apresenta de diferentes maneiras, a fim de proporcionar discussões sobre possibilidades de desconstruções das atitudes preconceituosas, tanto na forma sutil quanto declarada, bem como ampliar as linhas de

discussões sobre a contribuição da psicologia para as questões relacionadas ao preconceito racial.

Para tanto este trabalho objetivou identificar quais os termos e expressões verbais utilizadas para se referir a população negra são consideradas manifestações de preconceito racial, traçar o perfil racial autodeclarado dos participantes, comparar os resultados apresentados pelos grupos de negros e não negros e ressaltar as discussões recentes da psicologia a respeito do preconceito racial.

A pesquisa foi conduzida pela hipótese de que a percepção preconceito varia de acordo com a noção de identidade e de sentimento de pertencimento a um grupo racial, e que os termos que culturalmente estão associados ao preconceito flagrante/declarado, são mais facilmente identificados como preconceituosos enquanto, expressões que fazem parte da linguagem cotidiana (mesmo que de origem preconceituosa) não serão apontadas como manifestações de preconceito racial verbal.

## MATERIAL E MÉTODOS

A população alvo desta pesquisa foram os acadêmicos regularmente matriculados no primeiro período dos cursos de Educação Física, Enfermagem, Farmácia, Fisioterapia, Medicina, Psicologia e Odontologia, do Centro Universitário UnirG-TO, com idade superior a 18 anos, que estavam presentes em sala de aula no dia da aplicação do questionário, que tiveram interesse em participar da pesquisa e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Não participaram desta pesquisa os sujeitos que não se enquadraram nos critérios de inclusão e que não apresentaram interesse e disponibilidade para participar e colaborar com a pesquisa, bem como aqueles que estavam matriculados em outros períodos que não apenas o primeiro ou que já possuíam outra graduação. Participaram da pesquisa o total de 136 participantes.

Foram selecionados para participação da pesquisa, somente os acadêmicos matriculados no primeiro período dos cursos vinculados à área da saúde, em razão da necessidade de reduzir o número de sujeitos participantes, com a finalidade de tornar a pesquisa possível de ser realizada dentro do cronograma e orçamento previsto. A seleção ocorreu também em razão de se tratar de um público supostamente desprovido de qualquer teoria ou experiência profissional que influencie em sua percepção e opinião a respeito do tema, eliminando assim tendenciosidade.

O presente estudo foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa e a partir de sua aprovação (número do parecer 1.502.679) deu-se início à coleta de dados em sala de aula, em data e horário previamente indicados pelas coordenações de cada curso.

Após a assinatura do TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, ocorreu a aplicação do instrumento elaborado pelas pesquisadoras, que consistiu em um questionário para levantamento da percepção do preconceito verbal, composto por duas partes, em que a primeira referia-se à informações pessoais, e a segunda parte consiste na apresentação de termos e expressões verbais que fazem parte da linguagem cotidiana, onde o participante respondeu quais os termos e expressões ele considera preconceituosa, assinalando uma escala que vai de 1 a 4, em que 1 significa "Sim", 2 "Depende da situação", 3 "Não sei responder" e 4 "Não".

Foram analisados os dados concernentes às respostas obtidas nos questionários. Na primeira parte temos a análise da autodeclaração cor/raça, que consistiu na elaboração dos perfis raciais autodeclarados, onde se utilizou os mesmos critérios do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística<sup>7</sup>, onde o grupo de pessoas Negras foi composto pelos indivíduos que no preenchimento do questionário, assinalaram no campo "Cor/Raça" as opções "Preto" ou "Parda". Os indivíduos que assinalaram as demais opções "Branca", "Amarela" ou "Indígena", compuseram o grupo de Não-Negros.

A segunda parte consistiu nas análises estatísticas das escalas de termos e expressões, a partir da utilização de estatística descritiva, onde os mesmos foram transformados em valores percentuais, categorizados e, posteriormente, tabulados.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

### *Características da população estudada*

Diante dos dados obtidos e analisados na primeira parte do questionário, referente as informações pessoais (Tabela 1), verificou-se que dos 136 participantes da pesquisa 18,4% representavam o curso de Medicina, 16,9% Educação Física, 15,4% Enfermagem, 14% Fisioterapia, 14% Odontologia, 11,8% Psicologia e 9,6% o curso de Farmácia. Sendo a maioria do sexo feminino (63,2%), com idades entre 18 a 30 anos (96,3%). Entretanto os dados mais relevantes dizem respeito a informação cor/raça.

O Brasil é conhecido por sua diversidade de cores e mistura de raças, no país não existem apenas dois grandes grupos raciais, mas um contínuo de cores de pele, que dificultam a classificação deste quesito.<sup>8</sup> Entretanto para fins de reconhecimento populacional, este estudo utilizou os mesmos critérios estabelecidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística<sup>7</sup>, que em suas pesquisas utiliza cinco grandes grupos: brancos, pardos, pretos, amarelos e indígenas. Embora a classificação e a representatividade das raças de acordo com IBGE gerem discussões, e opiniões

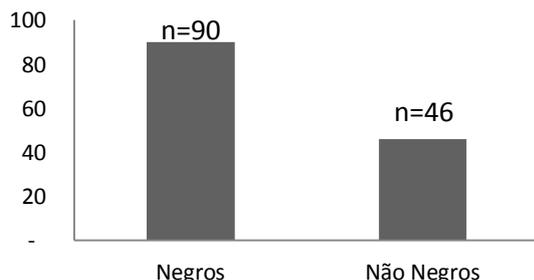
contraditórias, faz-se necessário o estabelecimento de critérios para sua mensuração.

**Tabela 1** Caracterização dos participantes (n=136)

Características	n	%
<b>Curso</b>		
Educação Física	23	16,9
Enfermagem	21	15,4
Farmácia	13	9,6
Fisioterapia	19	14,0
Medicina	25	18,4
Odontologia	19	14,0
Psicologia	16	11,8
<b>Sexo</b>		
Feminino	86	63,2
Masculino	50	36,8
<b>Idade</b>		
18 a 30 anos	131	96,3
31 a 40 anos	5	3,7
41 a 50 anos	0	0
51 anos ou mais	0	0
<b>Cor/Raça</b>		
Branco	36	26,5
Preto	16	11,8
Parda	74	54,4
Amarela	10	7,4
Indígena	0	0

Do total de participantes da pesquisa, a maioria se declarou pardo, seguido pelos que se declararam brancos, pretos e amarelos. Os dados obtidos corroboram com o cenário nacional onde pesquisas apontam que a população brasileira, que se autodeclara negra ou parda, está aumentando na última década. Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - PNAD realizada em 2014 pelo IBGE, 53% dos brasileiros se declararam pardos ou pretos, diante de 45,5% que se disseram brancos. Em 2004, 51,2% dos brasileiros se diziam brancos diante de 42% pardos e 5,9% pretos (totalizando 47,9% de pretos e pardos), apontando para a predominância da população brasileira que se autodeclarava branca.<sup>9</sup>

Ainda de acordo com critérios estabelecidos pelo IBGE<sup>7</sup>, adotados por este trabalho, juntos, os conceitos de pardo e preto formam a população negra, desta forma, conforme apresentado na Figura 1, verificou-se um total de 66,2% (54,4% de pardos e 11,8% de pretos) de indivíduos pertencentes ao grupo de Negros, sendo assim, 33,8% (26,5% brancos, 7,4% amarelos) compuseram o grupo de Não-Negros. A prevalência de negros em relação aos não negros pode ser observada também em pesquisas realizadas em outras regiões do país.<sup>10</sup>



**Figura 1** Proporção de Negros e Não Negros

### *Percepção do preconceito racial verbal*

A segunda etapa do instrumento de coleta de dados consistiu na apresentação de termos e expressões comumente utilizadas na linguagem popular para referência a pessoa negra. Na análise geral verificou-se que dos 14 termos e 11 expressões apresentados aos sujeitos, 7 (50%) e 5 (45,5%) respectivamente, foram apontados pela maioria como expressão do preconceito racial verbal (Tabela 2).

Os termos Preto, Pretinho(a), Queimado(a), Macaco(a), Tizil, Saci e Escurinho(a), foram apontados pela maioria dos participantes como demonstração do preconceito racial verbal.

Levando em conta que preconceito racial se configura em um julgamento negativo em relação a características étnicas raciais de um indivíduo ou grupo, e que sua expressão se dá por meio de utilização de termos que desapreciam, subjogam, menosprezam o outro em razão de características específicas, entende-se que, muitas vezes, além do preconceito racial, a expressão desse preconceito caracteriza o insulto racial, compreendida como a ofensa verbalizada e baseada no prejulgamento.

É possível perceber que na pesquisa, o termo Macaco foi o mais apontado como manifestação do preconceito racial verbal com 80,1% de resposta "Sim". A atribuição de animalidade é um recurso utilizado para a manifestação do insulto propriamente racial, principalmente através do termo macaco, que além de selvagem o animal é considerado pela zoologia o mais próximo do ser humano, o que permite ao ofensor estabelecer um distanciamento entre o ofendido e a espécie humana.<sup>11</sup>

O fato de os sujeitos pesquisados no Centro Universitário UnirG apresentarem essa resposta corrobora com a tendência, verificada em alguns estudos<sup>1,6,12</sup>, relacionada ao surgimento de novas e mais sofisticadas formas de expressão do preconceito e do racismo.

O que pode ser percebido também nos termos Saci (74,3%), Tizil (72,1%), Queimado(a) (60,3%) e Escurinho(a) (56,6%), que possuem uma significação pejorativa clara dentro da cultura brasileira, sendo apontados como manifestação de preconceito. Ressaltando que o termo queimado(a)

é compreendido, na maioria das vezes, como ofensivo a medida que faz referência a doenças ou defeitos físicos do insultado.<sup>11</sup>

Uma curiosidade em relação aos dados, é que o próprio termo Preto(a) (47,5%), utilizado oficialmente no Brasil para se referir a cor/raça da população, foi considerado expressão do preconceito racial, o mesmo acontece com sua variação Pretinho(a) (42,6%). Esse resultado pode ser compreendido através da análise de Guimarães<sup>11</sup>, que justifica que essa percepção é esperada tendo em vista que o próprio termo que os designa como grupo racial (preto ou negro) já é em si mesmo um termo pejorativo, como bem o demonstram os sinônimos listados em dicionários de língua: sujo, encardido, lúgubre, funesto, maldito, sinistro, nefando e perverso, entre outros. O estigma pode estar tão bem assentado que é possível a um negro, por exemplo, sentir-se ofendido com a utilização do termo.

Já em relação às expressões apontadas como manifestação de preconceito prevaleceram "Preto da alma branca", "Serviço de Preto", "Inveja Branca", "Cabelo Ruim" e "Denegrir a Imagem".

Todas as expressões apresentadas no instrumento possuíam de alguma forma uma mensagem de desvalorização do preto/negro, entretanto menos da metade delas foram consideradas manifestação de preconceito.

Pode-se compreender esse resultado levando em conta que tais expressões fazem parte do vocabulário popular, sendo reproduzida sem que haja uma análise de seu conteúdo, como exemplo as expressões "a coisa tá preta" e "dia de branco", onde a primeira é comumente utilizada como referência a situações ruins ou desagradáveis, dizer que a "coisa" não anda bem, nem a situação está boa, e a segunda, empregada para se referir aos dias úteis da semana, que remete ao período de escravidão, quando somente os brancos eram considerados trabalhadores, e os negros escravos apesar de trabalharem arduamente eram vistos como seres que não produziam ou contribuíam para a sociedade.<sup>13</sup>

Entretanto, vários autores chamam a atenção para o fato de que na linguagem cotidiana, o preto é utilizado para aludir, ilustrar o ruim, feio, sujo, desagradável, entre outros. Conseqüentemente, preto é associado a algo a se evitar. Os termos, "preto" e "negro" acabaram sendo naturalizados na sociedade brasileira de tal forma carregados de pejoratividades que, em determinados ambientes, é inadmissível o questionamento do emprego dos mesmos.<sup>5,13,14</sup>

Essa condição remete ao conceito de racismo cordial apresentado por Lima e Vala<sup>12</sup> que o definem como uma forma de discriminação contra os cidadãos negros/preto, que se caracteriza por uma polidez superficial que reveste atitudes e comportamentos discriminatórios, que podem ser expressas através de piadas, ditos populares e

brincadeiras de cunho racial, trata-se de um racismo sem “intenção”, às vezes de brincadeira, mas sempre com consequências sobre os direitos e as oportunidades de vida dos atingidos. Não obstante essa aparente falta de intenção e sutileza de expressão, o racismo à brasileira nada tem de

cordial, pois implica num cenário sinistro de discriminação e exclusão das pessoas negras, estando esta forma de preconceito associada a produção de humilhação e sofrimento psicológico.<sup>6,11,12</sup>

**Tabela 2** Descrição geral das respostas dos participantes acerca da percepção sobre preconceito verbal em termos e expressões populares brasileiras

	Sim		Não		Depende da Situação		Não sei responder	
	n	%	n	%	n	%	n	%
<b>TERMOS</b>								
Preto (a)	64	47,1	20	14,7	50	36,8	2	1,4
Afrodescendente	19	14,0	65	47,8	46	33,8	6	4,4
Africano (a)	25	18,4	42	30,9	61	44,9	8	5,8
Negro (a)	30	22,1	57	41,9	47	34,6	2	1,4
Pretinho (a)	58	42,6	23	16,9	51	37,5	4	3,0
Neguinho (a)	49	36,0	26	19,1	57	41,9	4	3,0
Queimado (a)	82	60,3	19	14,0	29	21,3	6	4,4
Moreno (a)	11	8,1	88	64,7	33	24,3	4	2,9
Mulato (a)	17	12,5	71	52,2	43	31,6	5	3,7
Moreninho (a)	20	14,7	63	46,4	51	37,5	2	1,4
Macaco (a)	109	80,1	13	9,6	13	9,6	1	0,7
Tizil	98	72,1	14	10,3	21	15,4	3	2,2
Saci	101	74,3	17	12,5	16	11,8	2	1,4
Escurinho (a)	77	56,6	18	13,2	40	29,5	1	0,7
<b>EXPRESSÕES</b>								
“Preto da alma branca”	69	50,7	27	19,9	31	22,8	9	6,6
“A coisa tá preta”	26	19,1	70	51,5	37	27,2	3	2,2
“Dia de branco”	42	30,9	52	38,2	21	15,4	21	15,4
“Morena cor de jambo”	15	11,0	71	52,2	41	30,2	9	6,6
“Da cor do pecado”	12	8,8	82	60,3	37	27,2	5	3,7
“Serviço de preto”	102	75,0	14	10,3	15	11,0	5	3,7
“Inveja branca”	52	38,2	45	33,1	27	19,9	12	8,9
“Não sou tuas negas”	41	30,6	48	35,3	39	28,7	8	5,9
“Negros (as) de traços finos”	33	24,3	45	33,1	37	27,2	21	15,4
“Cabelo ruim”	83	61,0	20	14,7	31	22,8	2	1,5
“Denegrir a imagem”	66	48,5	37	27,2	21	15,4	12	8,9

*Comparação da percepção do preconceito entre negros e não negros*

Após a análise da percepção do preconceito racial verbal pelo total de participantes da pesquisa,

objetivou-se uma comparação entre os resultados apresentados pelo grupo de negros e não negros.

Justifica-se agregarmos pretos e pardos para formarmos, tecnicamente, o grupo racial negro, visto

que a situação destes dois últimos grupos raciais é, de um lado, bem semelhante, e, de outro lado, bem distante ou desigual quando comparada com a situação do grupo racial não negro.<sup>15</sup>

O número de negros (90) nesta pesquisa representou quase o dobro do número de não negros (46), desta forma para compreender a percepção de cada grupo, os dados totais foram transformados em percentuais a fim de garantir uma visão proporcional de cada grupo.

Em relação a Tabela 3, verifica-se que dos 14 termos apresentados no questionário, apenas três deles apontam diferenças na percepção do

preconceito racial verbal, em relação ao grupo de negros e não negros. São eles: Negro, Pretinho e Neguinho.

**Tabela 3** Percepção entre participantes negros e não negros sobre preconceito racial em termos verbais populares brasileiras

Termos	Negros (%) n=90				Não negros (%) n=46			
	Sim	Não	Depende da situação	Não sei responder	Sim	Não	Depende da situação	Não sei responder
<i>Preto (a)</i>	41,1	17,8	38,9	2,2	58,7	8,7	32,6	0
<i>Afrodescendente</i>	14,4	41,1	38,9	5,6	13,0	60,9	23,9	2,2
<i>Africano (a)</i>	20,0	28,9	44,4	6,7	15,2	34,8	45,7	4,3
<i>Negro (a)</i>	23,3	33,3	41,1	2,2	19,6	58,7	21,7	0,0
<i>Pretinho (a)</i>	36,7	22,2	37,8	3,3	54,3	6,5	37,0	2,2
<i>Neguinho (a)</i>	27,8	23,3	45,6	3,3	52,2	10,9	34,8	2,2
<i>Queimado (a)</i>	58,9	15,6	20,0	5,6	63,0	10,9	23,9	2,2
<i>Moreno (a)</i>	6,7	64,4	27,8	1,1	10,9	65,2	17,4	6,5
<i>Mulato (a)</i>	11,1	45,6	37,8	5,6	15,2	65,2	19,6	0,0
<i>Moreninho (a)</i>	11,1	45,6	43,3	0,0	21,7	47,8	26,1	4,3
<i>Macaco (a)</i>	77,8	8,9	12,2	1,1	84,8	10,9	4,3	0,0
<i>Tizil</i>	68,9	10,0	20,0	1,1	78,3	10,9	6,5	4,3
<i>Saci</i>	71,1	13,3	14,4	1,1	80,4	10,9	6,5	2,2
<i>Escurinho(a)</i>	56,7	11,1	31,1	1,1	56,5	17,4	26,1	0,0

A maioria dos participantes do grupo de Negros (41,1%) respondeu, para o termo Negro (a), que dependendo da situação, o termo Negro (a) pode ser considerado expressão do preconceito racial. Em contrapartida, no grupo de Não Negros, 58,7% não consideraram o termo manifestação de preconceito.

Já nos termos Pretinho(a) e Neguinho(a), os resultados se assemelham, a maioria dos participantes do grupo Negros, responderam que dependendo da situação os termos poderiam ser considerado expressão do preconceito racial (37,8% e 45,6% respectivamente), em contrapartida, no grupo de Não Negros 54,3% e 52,2% respectivamente, consideraram os termos manifestação de preconceito.

Entretanto, observou-se que em relação ao termo Pretinho(a), 36,7% do grupo de Negros responderam a alternativa "Sim", desta forma tem-se uma diferença de pouco mais de 1% entre as alternativas, "Sim" e "Depende da Situação" o que representa uma divisão entre a percepção do preconceito relacionado a este termo, neste grupo.

Em relação as expressões, constatou-se uma diferença em apenas dois itens em comparação as respostas do grupo de negros e não negros, conforme se observa na Tabela 4. As únicas expressões que obtiveram resultados discrepantes no que diz respeito a percepção dos grupos de negros e não negros, foram "Dia de Branco" e "Não sou tuas negas", onde 40% e 36,7% respectivamente, dos negros não consideram manifestação de preconceito, enquanto, o grupo de não negros 39,1% e 34,8%, respectivamente, apontaram as expressões como preconceituosas.

A pequena discrepância nos resultados entre os grupos de negros e não negros se torna relevante ao ponto que demonstra que a percepção do preconceito é influenciada não somente em razão do grupo étnico racial do qual o indivíduo faz parte. O preconceito como atitude não é inato<sup>16</sup>, ele é aprendido socialmente. Nenhuma criança nasce preconceituosa, ela aprende a sê-lo através de uma longa trajetória de socialização que se inicia na família. Desta forma, a compreensão do que representa o preconceito racial verbal também podem ser resultado de aprendizagem.<sup>1</sup>

**Tabela 4** Percepção entre participantes negros e não negros sobre preconceito racial em expressões verbais populares brasileiras

Expressões	Negros (%) n=90				Não negros (%) n=46			
	Sim	Não	Depende da situação	Não sei responder	Sim	Não	Depende da situação	Não sei responder
"Preto da alma branca"	45,6	23,3	26,7	4,4	60,9	13,0	15,2	10,9
"A coisa tá preta"	14,4	56,7	27,8	1,1	28,3	41,3	26,1	4,3
"Dia de branco"	26,7	40,0	18,9	14,4	39,1	34,8	8,7	17,4
"Morena cor de jambo"	6,7	52,2	34,4	6,7	19,6	52,2	21,7	6,5
"Da cor do pecado"	6,7	61,1	30,0	2,2	13,0	58,7	21,7	6,5
"Serviço de preto"	70,0	12,2	13,3	4,4	84,8	6,5	6,5	2,2
"Inveja branca"	37,8	32,2	21,1	8,9	39,1	34,8	17,4	8,7
"Não sou tuas negas"	27,8	36,7	30,0	5,6	34,8	32,6	26,1	6,5
"Negros(as) de traços finos"	22,2	32,2	31,1	14,4	28,3	34,8	19,6	17,4
"Cabelo ruim"	57,8	13,3	27,8	1,1	67,4	17,4	13,0	2,2
"Denegrir a imagem"	52,2	21,1	18,9	7,8	41,3	39,1	8,7	10,9

A pequena discrepância nos resultados entre os grupos de negros e não negros se torna relevante ao ponto que demonstra que a percepção do preconceito é influenciada não somente em razão do grupo étnico racial do qual o indivíduo faz parte. O preconceito como atitude não é inato<sup>16</sup>, ele é aprendido socialmente. Nenhuma criança nasce preconceituosa, ela aprende a sê-lo através de uma longa trajetória de socialização que se inicia na família. Desta forma, a compreensão do que representa o preconceito racial verbal também podem ser resultado de aprendizagem.<sup>1</sup>

Ao fim da análise da frequência de respostas em relação aos termos e expressões, percebeu-se a alta prevalência de resposta da alternativa "depende da situação", observável tanto na tabulação dos dados gerais, quanto na divisão por grupo. Ou seja, tais termos e expressões podem ou não ser considerados expressão de preconceito. Essa informação evidencia que a percepção do preconceito racial verbal pode estar ligada a outras variáveis além do termo e/ou expressão utilizada para se referir a pessoa negra.

Um dos fatores que influenciam a percepção do preconceito, é o contexto em que o a manifestação acontece.<sup>11</sup> No Brasil, existe a crença de que o insulto racial (expressão do preconceito racial), ocorre apenas em situação de conflito, ou seja, de ruptura de uma ordem formal de convivência. Entretanto, ainda segundo o autor, o insulto racial pode tanto ocorrer durante o conflito quanto, ao contrário, ocasionar o conflito.

*Sociedade preconceituosa versus indivíduo não preconceituoso*

Várias pesquisas já foram realizadas com o intuito de verificar os números do preconceito no Brasil.<sup>1,3,4,12</sup> Todas apontam para um resultado contraditório, que também foi verificado neste estudo. Enquanto a maioria da população considera a sociedade brasileira preconceituosa, uma minoria dos sujeitos se declara preconceituoso. Esses resultados se arrastam desde o início das pesquisas sobre o preconceito no Brasil, até os dias atuais. Condição constatada também nesta pesquisa, conforme dados da Tabela 5.

**Tabela 5** Percepção do participante sobre o preconceito individual e na sociedade

PERGUNTA	Sim		Não		Depende da situação		Não sei responder	
	n	%	n	%	n	%	n	%
	Você considera a sociedade preconceituosa?	113	83,1	2	1,5	20	14,7	1
Você se considera uma pessoa preconceituosa?	2	1,5	109	80,1	17	12,5	8	5,9

Esse resultado, recorrente em outras pesquisas do gênero, pode ser compreendido a luz da evolução das discussões sobre o preconceito, bem como a evolução das legislações e discursos antirracistas, que corroboram para que o indivíduo não queria ser visto como “portador do preconceito”, já que atualmente tem-se criado uma grande rejeição cultural e legal à expressão pública de qualquer forma de preconceito racial. Entretanto, o que atualmente ocorre, não é uma extinção das atitudes preconceituosas e racistas, mas sim uma mudança na forma de expressá-las. Conforme aponta Silva<sup>17</sup>, este “racismo à brasileira é zelosamente guardado, porque é sutil, engenhoso; a bem dizer, mascarado”.

Seja para evitar o rótulo indesejado de preconceituoso ou racista, ou por acreditar que o preconceito é um problema residente no outro, o fato é que a realidade a sociedade brasileira não está se despidendo do preconceito, mas na verdade mascarando-o.<sup>4,12</sup>

### *Psicologia e as questões étnicas raciais*

As discussões envolvendo a psicologia e as questões étnicas raciais no Brasil podem ser divididas em três momentos.<sup>6</sup>

Primeiro, o período do final do século XIX e início do XX, que possui como referência a Escola Nina Rodrigues, que se propôs a investigar as características psicológicas dos escravos e ex-escravos, considerados pela sociedade elementos perigosos e por isso sujeitos ao controle e à exclusão social. Esse momento se configura a inserção dos negros como sujeito psicológico e objeto da ciência. O segundo momento de 1930 até 1950, marcado pela constituição do campo da Psicologia e da Psicologia Social no Brasil, diz respeito a introdução da Psicologia no ensino superior e de desconstrução da crença do determinismo biológico das raças. E por fim o período de 1990 em diante, caracterizado pelo início dos estudos em Psicologia sobre a identidade étnico/racial da pessoa negra e seus efeitos psicológicos. Nesse momento é retomado de maneira crítica as discussões a cerca do preconceito.<sup>6</sup>

Há alguns anos, o Conselho Federal de Psicologia – CFP incorporou o tema do enfrentamento ao racismo em sua pauta de discussões, em 2002 criou a Resolução nº 18, que estabelece normas de atuação para psicólogas e psicólogos, em relação ao preconceito da discriminação racial, a fim de chamar atenção da categoria para a necessidade de maior envolvimento na temática. Esse documento almejou reafirmar o compromisso já consolidado no Código de Ética Profissional dos Psicólogos, que em seus artigos VI e VII afirmam que o psicólogo deverá colaborar na criação de condições que visem a eliminar a opressão e a marginalização do ser

humano, de acordo com os princípios estabelecidos na Declaração Universal dos Direitos Humanos, bem como, contribuir com o seu conhecimento para uma reflexão sobre o preconceito e para a eliminação do racismo.<sup>18</sup>

Em pesquisa que analisou a produção de artigos de periódicos nacionais de psicologia nas relações étnico-raciais, publicados entre 2000 e 2009<sup>3</sup>, apontou-se que as relações étnico-raciais têm sido objeto de investigação da psicologia, principalmente da psicologia social. De acordo com os autores, a maioria dos trabalhos tem como objetivo compreender como ocorre a manifestação do preconceito e do racismo nos indivíduos e grupos, e investigar os efeitos que o preconceito e o racismo produzem sobre aqueles indivíduos e grupos aos quais esses estudos se dirigem e que a noção de raça aos poucos vem sendo incorporada pelos(as) pesquisadores(as) desse campo como categoria de análise para compreensão das diferenças, discriminação e desigualdades.

Em pesquisa semelhante realizada analisando as produções do Instituto de Psicologia da USP – IPUSP, nos anos de 1970 a 2012, foi possível considerar que são poucos os trabalhos que versam de forma sistemática acerca da desconstrução do racismo, bem como sobre metodologias e técnicas em que psicólogos poderiam contribuir para a luta antirracista na sociedade brasileira.<sup>4</sup>

Desta forma, apesar da evidência de produções científicas na área, os autores concordam que ainda há uma lacuna no conhecimento de Psicologia e relações raciais que deveria ser aprofundado por psicólogos, tendo em vista que a discriminação, humilhação social, intolerância, e a violência são fontes de sofrimento e necessitam do olhar da psicologia.<sup>3,4</sup>

## CONCLUSÃO

Em relação aos objetivos do trabalho constatou-se um maior número da população negra em relação a não negras, e que os termos considerados expressão do preconceito foram Preto, Pretinho(a), Queimado(a), Macaco(a), Tizil, Saci e Escurinho(a), confirmando a hipótese de que os termos associados a ofensa, ou seja, as manifestações declaradas/flagrante seriam consideradas expressões de preconceito.

Entretanto, em relação a segunda hipótese de que haveriam divergências consideráveis em relação a percepção do preconceito racial verbal do grupo de negros em relação ao não negros, os resultados não demonstraram diferenças consideráveis entre tais grupos.

Sabemos que falando do preconceito racial verbal, surgem termos e expressões que como foi demonstrada nessa pesquisa são utilizadas de forma sutil, estereotipada a um negro, que é fruto de racialização ainda existente. Dessa forma todos os

termos e expressões listados no questionário, tiveram origem preconceituosa, sendo de forma sutil ou flagrante e, ainda assim, muitos dos termos não foram considerados como tal.

O Conselho Federal de Psicologia considera que o preconceito racial humilha e a humilhação social faz sofrer, desta forma, o preconceito racial ocasiona o sofrimento psíquico e, assim sendo, configura campo de atuação aos psicólogos. O CFP vem incentivando, pesquisas e debates em relação às manifestações de preconceito étnicos raciais, incentiva ainda que os profissionais estejam atentos a essa temática crescente em nosso meio, embora os incentivos sejam feitos, as pesquisas e discussões sobre esse tema ainda são limitadas em relação a formas claras e sistemáticas para desconstrução do preconceito. Assim, o momento é propício à psicologia para debates rigorosos sobre as relações de manifestação de preconceito racial verbal.

Levando em conta os resultados obtidos é importante ressaltar outro dado que chamou a atenção das pesquisadoras no que se refere amostra pesquisada considerou a sociedade Brasileira como preconceituosa, a partir desses dados, nos trouxeram outras perspectivas e indagações em relação ao preconceito: será que estamos construindo uma sociedade que mascara o preconceito, por diversas formas? E não só construindo, estamos cultivando e permeando esse preconceito onde a maioria finge que não vê?

Percebe-se, portanto, que preconceito, racismo e discriminação racial são assuntos ainda não esgotados no que se refere à compreensão de seus mecanismos de percepção, manifestação e manutenção. Sendo, dessa forma, necessário que as ciências, principalmente a psicologia, se mantenham atuantes e produtivas cientificamente, produzindo e disseminando conhecimento, a fim de contribuir para a minimização dessa problemática no cenário brasileiro e mundial.

## REFERÊNCIAS

1. Lins SLB, Lima-Nunes A, Camino L. O papel dos valores sociais e variáveis psicossociais no preconceito racial brasileiro. *Psicol Soc* 2014;26(1):95-105.
2. Santos WS, Gouveia VV, Navas MS, Pimentel CE, Gusmão EES. Escala de racismo moderno: adaptação ao contexto brasileiro. *Psicol estud* 2006;11(3):637-645.
3. Martins E, Santos AO, Colosso M. Relações étnico-raciais e psicologia: publicações em periódicos da Scielo e Lilacs. *Psicol teor prat* 2013;15(3):118-133.
4. Schucman LV, Nunes SS, Costa ES. A Psicologia da Universidade de São Paulo e as relações raciais: perspectivas emergentes. *Psicol USP* 2017;28(1):144-158.
5. Crusoé NMC, Moreira NR, Ramos AO. O preconceito racial percebido/ não percebido pelas professoras, na educação fundamental. *Práxis Educacional* 2014;10(16):186-198.
6. Santos AO, Schucman LV, Martins HV. Breve histórico do pensamento psicológico brasileiro sobre relações étnico-raciais. *Psicol Ciênc Prof (Impr)* 2012;32(spe):166-175.
7. IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Características Étnico-raciais da População: um estudo das categorias de classificação de cor ou raça 2008. Rio de Janeiro: IBGE, 2011.
8. Sacco AM, Couto MCP, Koller SH. Revisão sistemática de estudos da psicologia brasileira sobre preconceito racial. *Temas psicol* 2016;24(1):233-250.
9. IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios: síntese de indicadores 2014. Rio de Janeiro: IBGE, 2015.
10. Oliveira CLP, Barreto PCS. Percepção do racismo no Rio de Janeiro. *Estud afro-asiát* 2003;25(2):183-213.
11. Guimarães ASA. O insulto racial: as ofensas verbais registradas em queixas de discriminação. *Estud afro-asiát* 2000;38:31-48.
12. Lima MEO, Vala J. As novas formas de expressão do preconceito e do racismo. *Estud psicol (Natal)* 2004;9(3):401-411.
13. Rocha JG. De preto à afrodescendente: implicações terminológicas. In: *Anais do Congresso Nacional de Linguística e Filologia*; 2010;14(2); Rio de Janeiro: Cadernos do CNLF, 2010. p. 899-907.
14. Sales Jr R. Democracia racial: o não-dito racista. *Tempo Social* 2006;18(2):229-258.
15. Santos SA. Projeto Políticas da Cor na Universidade Federal do Mato Grosso. *Público Priv* 2004; 3:207-227.
16. Gomes NL. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: *Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei 10.639*. Brasília: Ministério da Educação e Cultura, Secretaria de educação continuada e alfabetização e diversidade, 2005. p. 39-62.
17. Silva MJ. *Racismo à Brasileira: Raízes Históricas*. 3<sup>o</sup> ed. São Paulo: Editora Anita Garibaldi; 1995.

18. Conselho Federal de Psicologia. Resolução CFP N.º 018/2002. Estabelece normas de atuação para os psicólogos em relação ao preconceito e à discriminação racial. Brasília;19 dez 2002.